

A Escola da Ponte: uma escola preocupada com o conhecimento e não com a atribuição de notas ou conceitos aos estudantes

Cristiane Pimentel Neder*

Introdução: a Escola da Ponte é diferenciada

Embora a Escola da Ponte tenha no seu nome a palavra ponte, ela é a ruptura com o modelo tradicional de ensino, mas casa-lhe bem a palavra ponte quando imaginarmos uma ponte com o futuro da educação, que não valoriza cada indivíduo por aquilo que ele decora, reproduz ou copia, mas por aquilo que ele pesquisa, questiona, reflete e se liberta dos modelos de ensino e aprendizagem convencionais. O aluno na Escola da Ponte é, ao mesmo tempo, emissor e receptor de conhecimento, não é um agente passivo que recebe informações sem adaptá-la as suas necessidades, ao seu cotidiano, aos seus interesses e a sua vida.

A Escola da Ponte é uma escola que desenvolveu uma metodologia arquitetada para provocar inquietações, para jogar a isca e fazer o “nadador” aprendiz ir longe. Não cava o buraco que vemos o final dele e podemos tocar no chão, mas abre uma estrada com caminhos que são múltiplos e que cada um pode caminhar conforme sua capacidade, sua vontade, seus interesses, suas bagagens de vida e sua utopia de atingir a linha do horizonte.

Na Escola da Ponte não há estudantes, há aprendizes. Estudantes tem uma preocupação em estudar conhecimentos específicos de uma ou mais naturezas, já os aprendizes estão abertos para aprender tudo, sem pensar já estão aprendendo, do momento que acordam até o que vão dormir. Os aprendizes relacionam conteúdos de livros, filmes e de histórias diversas com suas situações corriqueiras do cotidiano. Aplicam o conhecimento em suas vidas e não nas provas.

* Mestre e Doutora pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Pós-doutorado pela UFSC em Antropologia Visual. Doctor Honoris Causa pelo Consejo Iberoamericano. Professora no curso de Propaganda e Publicidade da UEMG.

E-mail: cristiane.neder@uemg.br

Os estudantes ficam presos por entre as paredes da escola, nas paredes do livro, nas paredes do jornal, nas várias paredes que condicionam o conhecimento a um ambiente, formato ou forma. Os aprendizes sabem que tudo é conhecimento e que não há conhecimento inferior ou superior, mas que todo conhecimento é construído pela experiência ou processo de aprendizagem. Não se nasce sábio, mas se torna e toda forma de saber é uma forma de ensino, que não se divide em séries, mas é um fluxo contínuo da evolução humana. A Escola da Ponte faz uma educação que é este fluxo contínuo da evolução humana e não pré-escola, secundário e ensino superior. Aliás, que ensino podemos classificar como superior?

A Escola da Ponte e a revolução do aprendizado

Professores são meros transmissores de conhecimento, não são autoridades, são porta-vozes dos livros, dos pensamentos e pensadores, das leituras diversas lineares ou não. A Escola da Ponte, idealizada pelo professor José Pacheco, é uma experiência totalmente de vanguarda, pois não se baseia em nenhum modelo tradicional de ensino, se divorcia das amarras de séries, turmas, conceitos ou notas. Afinal, cada ser humano é único, portanto um aprendizado homogêneo para todos é um atraso. A educação tradicional multiplica velhos métodos autoritários, desde o copiar no caderno e decorar na prova, até ter horários pré-estabelecidos para tudo. “Por exemplo, de que não passa de um grave equívoco a ideia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero adestramento cognitivo” (PACHECO, 2013, p. 13).

Como podemos pedir para um estudante criar uma redação no horário de aula, sem saber se quer se o aluno tem inspiração para escrever uma linha naquele momento ou se está num “bom” dia, se não está de luto ou apenas com sono? O aprendizado deveria ser algo “apetitoso”, algo que se constrói e desconstrói a todo tempo.

Sim, desconstrói-se também, pois o aprendizado é um exercício de atualização constante, o que pensamos ontem pode ter modificado hoje. O aprendizado não é um processo pronto, mas um mergulho no escuro, onde temos muitas perguntas e diversas respostas. Há alguns conhecimentos que são mais exatos, como dois mais dois só podem dar quatro, mas há conhecimentos que uma porta nos leva a caminhos diversos e nenhum destes caminhos são errados, apenas são caminhos.

A Escola da Ponte percebeu o óbvio que cada ser humano é diferente e que o ensino para todos não pode ser igual. As escolas tradicionais e lugares de ensino talvez algum dia percebam também, mas a Escola da Ponte começou a derrubar modelos velhos de educação: não enquadra alunos em séries, afinal ninguém está na frente e nem atrás de ninguém, depende do ponto de referência em relação ao que nos aproximamos.

Podemos saber muito de uma área, mas sermos analfabetos ou com pouco conhecimento em outras. Não podemos, então, falar que alguém está na frente ou atrás. Podemos ter facilidade de aprender italiano e dificuldade com inglês, por diversos fatores, desde cognitivos até a ligação com a nossa história, hereditariedade e todas as influências que recebemos.

Uns aprendem a ler mais cedo, outros mais tarde e outros tem dificuldades até o final da vida. Isto não significa estar atrás, significa que os processos são diferentes. Que os passos não são no mesmo ritmo, que cada sujeito tem um ritmo de andar, mas que todos têm seu modo e sua velocidade de chegar a um lugar.

Na Escola da Ponte os grupos são formados conforme os seus interesses. Isto é, respeitar a natureza de cada ser. Se os seres humanos são diferentes como podemos dar a eles uma educação ancorada num modelo que se tenta reproduzir clones de “pensadores” e não sujeitos autônomos com visões de mundo diferentes e com potencias ímpares para diversas habilidades plurais.

A Escola da Ponte conseguiu enxergar longe, não trata os estudantes como iguais, no sentido de não serem cópias uns dos outros, mas trata com igualdade o direito de todos eles aprenderem, respeitando o tempo de cada um para absorver o conhecimento e para se dedicar àquilo que faz o coração deles bater mais alto.

A Escola da Ponte deu a carta de alforria para os alunos serem eles mesmos sem se esquecer de ninguém. Onde todos são importantes, mas ninguém é mais que o outro. A sociedade é culpada por hierarquizarmos as pessoas, no sentido que um professor não é mais ou menos importante que o varredor de rua – ambos são importantes, cada um na sua especialidade, na sua contribuição ao mundo e no que colabora para a transformação social com um todo.

Assim como aula de Filosofia não é mais e nem menos importante que Matemática, assim como praticar esportes não é mais e nem menos importante do que pintar quadros e assim como ser músico não é mais e nem menos importante do

que ser médico – podemos pensar que o médico cura o corpo e que o músico cura a alma e todos estão conectados de alguma forma.

A Escola da Ponte não tem a preocupação de preparar a pessoa para o mercado, ou para produzir mais, tampouco para competir uns com os outros. Embora isto não signifique que ela ignora que há tudo isto e nem que ela ignora que o aluno pode sim até competir e entender do mercado e produzir cada vez mais, mas o grande objetivo da Escola da Ponte é a realização pessoal de cada um.

Respeitando os sonhos de cada um, as metas de vida que cada um tem para si e não o que o mercado dita ou a sociedade exige. Isto não significa que um ex-aluno da Escola da Ponte não possa ser um grande executivo de negócios, mas que a Escola da Ponte não educa para ocupar funções, mas para preencher sonhos.

Respeitando os Direitos Humanos, a Escola de Ponte tem uma educação inclusiva, onde todos podem atingir os seus objetivos, mesmo que não seja na mesma proporção numérica um com o outro. Por exemplo, se o aluno 1 quer ser um bom desenhista e também escritor, não há nenhum mal o aluno 2 querer apenas ser um bom escritor. O que importa é que cada um encontre o seu caminho e que cada um se realize dentro daquilo que lhe faz bem.

Preservar os Direitos Humanos é proteger todos contra tudo aquilo que o faça sofrer violência física ou psicológica. Há diversas formas de ser violento, mesmo de modo implícito, quando, por exemplo, não deixamos que o outro escolha o que quer, quando tentamos colonizar os pensamentos, quando tratamos as pessoas como máquinas e não como gente, quando exigimos que uma pessoa seja igual a outra e que ambas aprendam no mesmo ritmo. Quando fazemos as pessoas serem divididas por séries e não por afinidades e interesses.

Somos violentos quando anulamos as subjetividades e tratamos uma sala de aula como um único corpo, uma única voz, uma única experiência. Somos violentos quando não percebemos que cada pessoa é uma história de vida, que cada pessoa tem uma trajetória. Por exemplo, em plena Universidade há alunos que não sabem palavras que deveriam saber naquele momento da sua formação, outros não leram autores básicos da literatura, por motivos diversos que fazem parte de suas histórias de vida.

Não podemos comparar um filho de um embaixador com o de um agricultor, mas isto também não significa que o do embaixador seja um aprendiz mais brilhante do que o do agricultor, porque nem sempre ter mais subsídios para aprender dá melhores resultados. De nada adianta uma biblioteca enorme em casa se não tiver o

interesse em ler. De nada adianta dar voltas ao mundo se o mundo não transformar alguém.

O projeto da Escola da Ponte constitui um sinal de esperança para todos que acreditam e defendem a possibilidade de construir uma escola pública aberta a todos os públicos, baseada nos valores da democracia, da cidadania, da justiça, que proporciona a todos os alunos uma experiência bem sucedida de aprendizagem e de construção pessoal (PACHECO, 2013, p. 14)

O acesso às coisas não garante melhor aprendizado, o que garante melhor aprendizado é estar aberto, receptivo e ter curiosidade para aprender. Por isto, pode ou não o filho ou filha de um embaixador ser melhor aprendiz do que o de um agricultor, mas isto não é devido a ele ter mais acesso a jornais, revistas, livros ou melhor computador ou internet e conhecer, talvez, o mundo inteiro, porque tudo vai depender do que cada um vai fazer com o que tem e vai depender da capacidade e ritmo de cada um aprender. Não é quantidade de recursos que faz alguém ser um bom aprendiz, os recursos facilitam o processo, mas não são tudo.

Somos violentos quando não damos ao outro o direito de se diferenciar. Somos violentos quando exigimos uniformes nas escolas, como se todos fossem modelos únicos na roupa e na personalidade.

A educação tradicional é violenta e fere os direitos humanos, embora as escolas não usem mais práticas de violência física para se educar como num recente passado. Mas, isto não significa que quando o professor ou professora chega numa sala e pede para arrancarem uma folha do caderno para uma prova ou um ditado de forma surpresa não é uma forma de violência, de violência psicológica, de amedrontamento, de abuso de autoridade do professor, de falta de sensibilidade com a realidade de cada um: se foi despedido do trabalho naquele dia, se perdeu um ente querido, se está num período de menstruação, se conseguiu se alimentar direito ou simplesmente se não esperava aquela situação.

Os professores deveriam se colocar mais no lugar dos alunos, ter mais empatia e se perguntar: se os alunos aplicassem uma avaliação sobre o meu desempenho como professor, sem avisar, qual seria a minha reação? Tem professores e professoras que exigem dos alunos aquilo que nem eles são capazes de desempenhar.

Somos violentos, porque o sistema tradicional de educação nos permite isto. Quando um aluno ou aluna apresenta um seminário e achamos que a opinião dele

sobre um autor ou tema não é igual a nossa, somos violentos nas críticas, no modo de querer convencer o outro a pensar como nós. Estamos todos os dias cometendo violência no modo de educação tradicional, desde o horário que estabelecemos para que a pessoa aprenda, sendo que cada um tem um ritmo biológico, alguns estão mais atentos de manhã, outros à tarde e ainda outros de noite e até de madrugada.

O estabelecimento de ensino pode e deve ter horário para dar as aulas, mas isto não significa horário para criar, para ler, para assistir, para observar, para comparar, para refletir, para ter dúvidas. Afinal, até na mesa de um bar podemos criar uma canção, melhor do que na aula de redação, até no banho podemos resolver uma equação mais facilmente do que na carteira da sala de aula, porque aprender faz parte da vida e não apenas da escola, porque as respostas nos vêm à mente quando estamos relaxados, sem a preocupação de sermos “perfeitos” e de atender expectativas.

A escola é um dos lugares em que passamos uma parte da nossa vida, mas isto não significa que ela seja o único meio de aprendizado. A escola dá um impulso, o restante depende de cada um de nós. O problema é que o impulso pode ser dado de forma correta ou incorreta. Quando o professor ou os colegas debocham de uma pergunta, quando censuram um aluno que levanta à mão com uma inquietação, quando tratam com deboche ou dão risada quando o outro erra ou faz algo imperfeito. Tudo isto é uma forma de violência, que muitas vezes não se percebe, mas se comete. Há várias formas de se praticar a violência e tirar as “asas” de alguém.

A escola deveria ser um lugar onde as dúvidas são levantadas para os aprendizes buscarem respostas. Quando nós damos respostas prontas de forma imediata, anulamos todo um processo de descoberta. Por exemplo, a maioria dos professores não aprenderam que eles podem aprender com os alunos e que não há nenhum problema com isto, que eles não ficarão inferiores e nem se tornarão menos sábios, muito pelo contrário.

Os círculos de aprendizado da Escola da Ponte

A Escola da Ponte realiza círculos de estudo, círculos porque a educação é contínua, ela vai e volta como um círculo, dá voltas imensas sem acabar jamais, sem ter ponto final, não é uma reta, é um fluxo em constantes renasceres.

Quando pedimos para os alunos sentarem em círculo em sala de aula fazemos com que todos se vejam frente a frente, fazemos uma roda de conversa, o professor fica no mesmo patamar dos alunos.

Em círculo nos olhamos nos olhos e observamos as reações de todos. Deixamos de ser um pouco “estrangeiros” para os outros e eles para nós. Em círculo nos integramos. Já nas carteiras enfileiradas somos postos como militares, deixamos de olhar os olhos, de sentir uns aos outros e de quebrar as fronteiras que nos dividem. As carteiras umas atrás das outras nos dão uma ordem pré-estabelecida, há a turma do fundão que é julgada como os que não querem muito estudar e os primeiros da fila que são chamados de Caxias (no Brasil), que se dedicam mais aos estudos.

Quando formamos círculos não há mais a turma do fundão e da frente, todos estão na mesma posição, na mesma situação e acabam os estereótipos entre os mais dedicados e os menos. Colocamos todos em posição de aprendizes de forma igualitária. O círculo faz com que as pessoas interajam mais, como numa roda de conversas. No círculo não tem ninguém na frente e nem atrás do outro, ficamos em posições iguais.

Cada professor encontra-se entregue-se a si próprio – Quase não existe trabalho de equipe. A formação de guetos disciplinares impede a existência de efetivos projetos. Poder-se-á falar de projeto educativo em escolas onde os professores não se encontram, ou onde se reúnem por constrangimento? Poder-se-á falar de projeto, se as práticas profissionais fomentam e reproduzem um novo tipo de analfabetismo político e cultural? (PACHECO, 2013, p. 69).

Falta aos professores se encontrarem e trocarem experiências, informações e mover as paredes entre eles, porque ficando num isolamento sem trocar saberes com os colegas não se pode construir um saber coletivo, mas se torna um aprendizado monólogo, sem vozes plurais, sem somar conhecimentos e sem encontrar pontos divergentes e convergentes que podem fazer uma ponte multidisciplinar. No modelo de círculos estimula-se o diálogo, o olho no olho, a visualização dos colegas todos uns para os outros.

Não há saberes “encaixotados” em áreas: Humanas, Biológicas e Exatas, mas há uma abertura para que as áreas se encontrem, se relacionem e se hibridizem. No círculo não há hierarquia de saberes, todos os colegas professores são igualmente

importantes e todas as ciências de conhecimento de cada um faz um conhecimento holístico necessário para a vida humana e não apenas para a formação do aluno.

É necessário o diálogo entre os professores, porque o ato do professor ensinar não é um ato solitário, mas solidário, é preciso a troca para que cada conhecimento não seja uma pasta isolada, mas uma fusão entre ciências que se completam e se relacionam. O ato de aprender é um ato antropofágico, é necessário devorar do outro o que o outro traz e deixar que o outro devore de cada um de nós nossas experiências e bagagens empíricas e teóricas.

Todos os seres humanos são cabíveis de mudanças e a Escola da Ponte constrói o conhecimento de forma atualizada, não fica parada no tempo e no espaço. As experiências dos círculos de conhecimento são realizadas sempre para que não apenas haja a troca, mas também a reciclagem dos pensamentos, conhecimentos e experiências pedagógicas.

A Escola da Ponte e sua forma vanguardista de ser

A Escola da Ponte não acredita em projetos pedagógicos escritos que na prática não viram nada, que não vingam. Os projetos pedagógicos da Escola da Ponte se preocupam em ser projetos que funcionem na prática, que tenham relação com a vida acadêmica dinâmica do dia-a-dia. O que importa não é lotar folhas de papéis com textos longos sobre metodologias, objetivos e ementas, mas a Escola da Ponte está preocupada em construir uma forma de ensinar que emancipe os estudantes e os faça buscar respostas e não se adaptar e se conformar dentro de um norteamento pré-estabelecido.

A Escola da Ponte não quer que os aprendizes procurem ter o formato da forma, mas que cada um tenha a autonomia para desenhar o seu próprio formato. Além do que a forma pode na hora de ser usada não corresponder ao horizonte de cada um, seja professor ou aluno, porque ambos podem ter horizontes mais estreitos ou mais largos, depende do ponto de partida e do caminhar de cada um.

O sistema da Escola da Ponte tem um modelo de vanguarda onde os alunos não estão divididos em anos letivos ou em séries, mas divididos em três ciclos, que seriam equivalentes mais ou menos ao ensino fundamental, sempre me refiro que seriam equivalente mais ou menos, porque nada pode ser comparado com nada, o modelo

deles é inovador, neste sentido quero falar que se aproxima, que tem uma semelhança, que é paralelo, mas não que é igual.

Estes ciclos tem um “currículo”, disciplinas que são escolhidas a maneira que o aluno ou aluna queira percorrer, escolhendo as competências que vão realizar e na ordem que querem as fazer. Os alunos têm total liberdade e autonomia para gerirem o seu processo de aprendizagem.

Os professores não falam o que o aluno deve fazer, não há hierarquias na Escola da Ponte, inclusive o professor levanta a mão quando deseja fazer uma pergunta quando os alunos estão concentrados em outra ação. As relações de poder na Escola da Ponte são igualitárias, ambos professores e alunos fazem parte do processo de aprendizagem, sem nenhum ser mais ou menos importante no caminhar. Cada um escolhe o que vai estudar aprendendo a ter autonomia. Então o ensino fica mais saboroso, porque ele não é imposto, mas é uma descoberta feita pela sua própria necessidade.

Não há provas formais como nas escolas convencionais, a prova é criticada no modelo da Escola da Ponte e eu concordo com eles, porque a prova não prova nada, se pudesse provar quase todas as pessoas no mundo não esqueceriam grande parte do conhecimento cobrado nas provas depois que se formam. As pessoas armazenam dados e informações cognitivamente para responderem na prova, mas isto não significa que elas aprenderam, podem apenas terem decorado, terem retido a informação para apenas uma finalidade. Mas qual a finalidade da educação? Programar alunos como se programam robôs ou deixar que as pessoas pensem e tenham questionamentos próprios, dúvidas largas e vontade de ir atrás das respostas?

A prova não estimula o conhecimento, a prova condiciona o conhecimento num formato, num quadrado de um papel, onde se resume lá um pedaço daquilo que guardou, mas não daquilo que aprendeu de vez por todas. No Brasil quase todas as pessoas estudaram inglês no ensino fundamental, mas grande parte da população não tem fluência no idioma inglês, porque não aprenderam, apenas estudaram. Uma coisa é bem distante da outra.

Os professores junto com os alunos na Escola da Ponte decidem como vai ser feita a avaliação que pode ser num diálogo, numa conversa, num projeto, etc. Na Escola da Ponte há murais nos seus espaços onde os alunos podem pedir ajuda de reforço para aprender com os outros algo que acham que estão com pouca

profundidade, assim como os que já estão dominando um conhecimento podem se prontificar para ensinar.

Os alunos na Escola da Ponte sentam em grupos e estudam em mesas comunitárias aquilo que cada um tem afinidade, as idades dos alunos são diferentes, porque eles não são “agrupados” por séries, por anos, por salas, mas por afinidades, pela evolução individual de cada um. Como se cada um procurasse os seus pares não por se enquadrarem nos mesmos anos de vida, mas nas bagagens que cada um carrega e quer levar.

Ao conhecer este modelo da Escola da Ponte me lembrei de uma passagem poética da minha vida acadêmica, quando ainda dava aulas na FURB, na cidade de Blumenau em Santa Catarina e estava um pouco triste lá, porque tinha vindo de São Paulo, uma cidade cosmopolita, que tem gente de todos os lugares do mundo e fui dar aulas num lugar com uma cultura germânica, em que as pessoas eram muito reservadas, pouco faziam amizades com estranhos e eu me sentia muito solitária naquele local. Até que um dia teve um Festival Internacional de Teatro na cidade, como tem naquela região anualmente, pelo menos até ir embora de lá costumava ter, e o hotel onde a universidade pagava a minha hospedagem ficou repleto de artistas por conta do evento.

Os artistas ao me encontrarem falaram que eu tinha jeito de artista também e me convidaram para ficar com eles na sala comunitária do hotel bebendo vinho e conversando. Naquele dia eu peguei um guardanapo e escrevi: *Hoje me senti em casa, encontrei artistas na recepção do hotel*. Claro, além de encontrá-los, depois acabei me confraternizando com eles, mas o que queria falar com esta frase é que buscamos sempre a nossa família de alma, de afinidades, de proximidades. Que nos identificamos com pessoas que nos dão o afeto, o acolhimento como da casa da gente, da família da gente.

A Escola da Ponte agrupa os alunos e alunas por “famílias” – famílias de afinidades. Agrupa as pessoas por elas terem identidades e vontades parecidas. Quando estamos num grupo e nos identificamos com ele nos sentimos “abraçados”, tudo que recebemos é recebido de forma alegre, verdadeira, com entusiasmo e aquilo que aprendemos é de uma forma espontânea e não forçada. Quando estamos com as nossas famílias de afinidades em várias partes da nossa vida, acabamos nos sentindo em qualquer parte do mundo em casa. Se amo poesia e encontro poetas, se amo matemática e encontro matemáticos, se amo animais e encontro donos de animais, tudo que eu aprender com aquele grupo vai ser prazeroso, porque foi uma escolha e

não uma imposição. Foi um encontro de querer iguais e não um desencontro entre diferentes. A família está onde nos sentimos próximos e a Escola da Ponte entende esta particularidade humana.

Diferente do modelo tradicional de educação que os professores escrevem na lousa e atualmente no quadro e alunos copiam, a escola da Ponte não quer ser isto: escrever, copiar e colar. Na Escola da Ponte há música nas salas para regular o barulho, onde o som dos alunos não pode ser maior do que o da música suave. Isto cria um ambiente de harmonia. A disciplina é aprendida não pelo autoritarismo, mas pela observação, pelo senso de discernimento, pela sensibilidade principalmente.

A Escola da Ponte é uma escola contemporânea, mas eu diria que é muito mais, que é na verdade de vanguarda, porque derruba as paredes e os muros, não apenas da estrutura física de uma escola que não é formada por tijolos, mas por gente, que sente, que ama, que tem sonhos e que quer voar. Assim como é uma Escola que quebra as paredes e muros do conservadorismo, do autoritarismo, do modelo militar de educação, que delimita que tem hora para começar a aprender e hora para terminar, que a aula deve ser enquadrada em aproximadamente cinquenta minutos.

A Escola da Ponte é uma escola que nos mostra que aprender faz parte da vida, do cotidiano, das nossas descobertas miúdas e grandes. Que podemos aprender a qualquer hora, em qualquer lugar, a qualquer momento. Que o que nos faz aprenderes não é a escola em si, mas as necessidades da vida. Nós só aprendemos quando nós queremos, a iniciativa tem que partir do aprendiz e não do mestre. A Escola da Ponte compreendeu que as pessoas só aprendem quando elas estão dispostas a aprender, quando elas buscam aprender, quando elas querem ser melhores e querem se libertar de alguma prisão. A Escola da Ponte aprendeu a essência do que leva as pessoas a desejarem estudar.

Quando reprovamos alguém estamos o excluindo automaticamente. A reprovação é uma forma de exclusão. Eu mesma dando aulas num sistema de educação formal e pouco criativo, tento ser inovadora, pouco ou quase nunca reprovando e não aplico provas, mas apenas trabalhos. No entanto, fui educada num sistema rígido de educação e todas as vezes que vou avaliar um aluno lembro de uma passagem da minha vida, que deixou uma enorme cicatriz emocional em mim.

Eu estudava num colégio católico tradicional e tinha aulas de português e eu adorava literatura, mas não gostava de análise sintática, no entanto para passar de ano eu precisava tirar boas notas em gramática também e não apenas em leitura e

interpretação de texto que eu era excelente aluna. Tirei a nota insuficiente no boletim em gramática, por conta da “maldita” análise sintática ou do “maldito” professor que não soube me passar o conhecimento, me encantar com aquilo.

Aquele *insuficiente* escrito em vermelho, porque naquela época nota ruim era em vermelho marcada e a nota boa era em azul. Aquela nota vermelha deixou uma marca para sempre na minha vida, um peso enorme que carrego até hoje, que não esqueço. Só a vergonha de carregar aquele boletim que o meu pai tinha que assinar como ciente da minha reprovação me deixou arrasada, porque meu pai era a última pessoa no mundo que eu queria decepcionar ou magoar. Aquela nota em vermelho simbolizava para mim um fracasso, não era uma simples reprovação, significava encarar os meus pais olho no olho e me sentir pequena, mais do que eu era de tamanho.

Grande parte dos educadores não compreende que todos nós queremos dar orgulho aos nossos pais. Que toda reprovação é uma vergonha, uma sensação de fracasso. Que quando nossos pais investem sua energia, sua esperança e seus recursos para nos colocarem numa escola, seja ela pública ou privada (porque mesmo sendo pública se tem gastos para estudar com alimentação, condução, livros e etc.). Que ao final de um semestre queremos devolver aos pais um contentamento pelo seu investimento e não uma tristeza. Junto conosco na escola vão os sonhos dos nossos pais e todas as suas projeções.

Quando somos reprovados a reprovação repercute em vários ambientes e não apenas no escolar. Deixamos de ser admirados pelos amigos, pelos pais, pelos irmãos e etc. A reprovação é um peso incalculável, mas felizmente eu desejei me vingar do professor que me reprovou e resolvi participar do Concurso de Melhor Redação da Escola, um Concurso Internacional, onde alunos do mundo inteiro daquela congregação católica iriam participar. Fui classificada em primeiro lugar, fui o primeiro lugar do mundo inteiro daquela congregação, porque embora não tivesse decorado o que era um objeto direto ou indireto, um adjetivo ou um substantivo, sabia escrever melhor que todos da sala e tinha algo que não se passava de professor para aluno: *criatividade*.

Anos mais tarde me tornei professora e um episódio muito parecido com a minha reprovação me encontrou na carreira acadêmica, só que os papéis tinham sido trocados: eu não era mais estudante, mas professora, com mestrado, doutorado e me vinguei direitinho daquele professor que me reprovou, porque cheguei até o pós-doutorado. Vejam que façanha! Queria encontrar com ele hoje.

Uma colega professora me convidou para ser da banca de um trabalho de conclusão do curso de Administração com ênfase em Marketing, de um aluno em Santa Catarina, judeu por descendência embora nascido no Brasil, um aluno sensível que só para mim mostrava os poemas que criava, com vergonha de mostrar aos outros. Aquele aluno encabulado, meio tímido, era um ser muito especial, desde o primeiro instante que eu o vi sabia disto. Ele era uma pessoa boa, criativa, curiosa em aprender, mas a pressão de fazer o TCC, a pressão de ser jugado pelos outros e todas aquelas cobranças que todos nós sabemos que faz parte do momento de um exame fez ele escrever um TCC médio, não era dos piores e nem dos melhores.

Porém, uma semana antes da defesa uma professora o criticou duramente perto do seu pai, que era um intelectual conhecido na cidade, criado na rigidez da cultura judaica ortodoxa, um homem muito culto, mas de pouca sensibilidade com o filho. Os pais eram separados e a mãe era a peça-chave na educação daquele menino no papel de dar amor, carinho e o levantar todas as vezes que alguém o pisasse. Li todo o TCC e confesso ao leitor que não era um TCC que merecia dez, mas eu dei dez e aquele dez mudou a vida daquele rapaz para sempre. Não dei dez pelo que estava apenas escrito no TCC, dei dez por toda a trajetória daquele aluno brilhante, que não soube no TCC mostrar tudo que ele sabia, tudo que ele queria, ou tudo que ele podia. Quando eu anunciei a nota a banca se espantou, a orientadora se espantou, o pai ficou com cara feia e a mãe chorou de emoção.

O rapaz tremia tanto, suave demais, mas mesmo não se aguentando sobre as pernas veio me beijar e me abraçar todo feliz. Fiz e influenciei toda a banca a dar dez para ele. Se passaram muitos meses e eu recebi um cartão naquela universidade endereçado para mim, era daquele rapaz, morava em outro país, fazia muito sucesso na sua carreira e eu acabei lendo a coisa mais linda do mundo, que me enche os olhos de lágrimas até hoje ao relatar: *Professora, obrigada, aquela nota que a senhora me deu aquele dia mudou todo o meu destino.* Juro aos leitores que estas palavras me foram enviadas e estas palavras são as palavras que se um dia eu tiver que resumir o porquê valeu a pena ser professora serão com elas que eu resumirei.

Eu sei que aquele dez mudou a maneira do pai dele olhar para ele, aumentou ainda mais o orgulho e admiração que a mãe dele tinha por ele e tudo isto fez crescer a autoestima daquele rapaz. E, eu ser a protagonista disto tudo me valeu mais do que todos os títulos que eu poderia ter, pois títulos sem sensibilidade com o outro não valem nada.

A Escola da Ponte entendeu, como eu entendi sem conhecer ainda a metodologia deles, mas entendi a duras penas com a vida, que é preciso estender a escada às vezes para que o estudante suba um degrau. Que uma escola tem o dever de ajudar as pessoas e não de penalizá-las.

As pessoas só aprendem quando elas querem, porque elas querem, porque precisam e porque querem se emancipar de qualquer forma de dominação e que o educador usar a dominação para abafar esta emancipação é um crime. Pensem, se eu tivesse me abatido com aquela nota insuficiente em gramática, não teria ido para frente mais, não teria acreditado no meu potencial.

Se as escolas fossem as necessárias e não estas que temos não teríamos pessoas sem caráter. Todos devolveriam carteiras encontradas com dinheiro. Não haveriam políticos corruptos e nem cientistas inescrupulosos. Se as escolas fossem lugar de aprender e não de competir: quem tirou a nota mais alta, quem foi o primeiro da turma, quem venceu o campeonato, quem foi selecionado, a sociedade teria pessoas mais realizadas. Ser realizado não é ser o engenheiro que tem o maior salário, mas aquele que está feliz com sua carreira, com sua profissão, com a sua vida como um todo. As escolas necessárias deveriam abraçar sonhos e não os excluir.

Professores acomodados, alunos passivos e pais conformados sustentam um sistema de ensino viciado em acumular informações, mas não em ensinar de verdade. Os educadores devem repensar, reconfigurar as práticas de ensino. Assim como não esquecemos o primeiro beijo, devemos dar todos os dias a aula de forma surpreendente e interessante. Devemos dar aulas todos os dias com o mesmo impacto, com a mesma vontade e com a mesma determinação de transformar a vida de alguém para melhor. Só apaixonados por algo conseguimos dar o nosso melhor e fazer o outro melhor. Um educador tem que ser um apaixonado pela educação e um contestador de padrões e sistemas, porque educar é libertar e não aprisionar.

Quanto aos ciclos de aprendizado, na Escola da Ponte são divididos em três: iniciação, consolidação e aprofundamento.

Na iniciação se aprende a escrever, ler e fazer contas. Com o objetivo de integrar os alunos de diversas fases de desenvolvimento e graus de evolução no aprendizado não se divide nem por séries e nem por idade, como já mencionei.

Imaginem que diversas pessoas de diferentes idades começam a aprender um idioma do nível básico, não é a idade que mede o conhecimento delas, mas é o percurso que cada uma fez. Então, podemos ter numa sala gente de todas as idades

mesmo no básico, onde não há atrasados e nem avançados, há pessoas dando passos para frente juntas, cada um no seu tempo, no seu ritmo, cada uma no seu tempo de despertar para cada coisa e conteúdo. Aprender é um despertar a cada dia, cada um desperta num momento para coisas diferentes. Não somos iguais e não podemos fazer despertares idênticos.

No ciclo da Consolidação se reforça a autonomia dos alunos, se solidificam as competências básicas e procura-se atingir os objetivos definidos pelo currículo nacional de Portugal, mas o aluno escolhe o projeto que quer desenvolver para aprender, o que precisa. Passam de um objetivo para outro objetivo, cada aluno dentro das suas necessidades.

A Escola da Ponte não valoriza alunos que apenas sabem dar respostas prontas, do tipo: Qual o nome do pico mais elevado do mundo? A Escola da Ponte se preocupa em educar pessoas que saibam pesquisar, argumentar, ligar-se ao mundo e ser cidadão do mundo em que ele vive. O resultado é uma escola que deixa o aluno feliz em aprender. Autônomos, independentes e responsáveis os alunos da Escola da Ponte podem trabalhar em todo tipo de tarefas, desde fazer uma horta até construir um rádio.

No ciclo do aprofundamento entende-se que os alunos já dominam todas as competências e, assim, reforçam a autonomia deles para usarem seus conhecimentos em projetos que sejam proveitosos a cada um. Que sirvam para os emanciparem em tudo.

Semanalmente há as assembleias gerais, quando alunos e professores que tiverem problemas debaterão conjuntamente entre todos e os resolverão. É uma escola que dá liberdade com responsabilidade, respeitando as potencialidades de cada um e suas diferenças.

A Escola da Ponte não é um projeto findado, acabado, está sempre em construção. Sempre aberta ao diálogo, ao debate e a evoluir com o mundo, com a sociedade, com as pessoas e ampliar os sonhos de cada um sem deixar ninguém para trás. Uma escola de vanguarda em todos os sentidos.

Referências

PACHECO, José. **A Escola da Ponte**: Formação e Transformação da Educação. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.